

Entrevista com
Fernando Novais

Por
Jean Gomes de Souza
Luccas Eduardo Castilho Maldonado
Paulo Roberto Marques de Oliveira

Epígrafe_ Professor, a nossa seleção de perguntas, mais do que focar em aspectos teóricos da sua obra, visa priorizar a sua trajetória e formação pensando no nosso público leitor. Nossas questões irão muito no sentido dos seus caminhos enquanto historiador, tendo em vista que nós temos contato com a sua obra logo no primeiro ano nos cursos de História do Brasil Colonial e História Ibérica, ministrados no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; o senhor se configura e se constitui como um grande mito para nós no começo da graduação. O senhor poderia nos contar como era a graduação no período que a realizou, aqui, no Departamento?

Fernando Novais_ Faz um bocado de tempo, lá na Maria Antônia. Cursei a graduação de 1952-1953 a 1956, quando me formei. Em primeiro lugar, vamos explorar o cotidiano e o clima. Esta época na Maria Antônia era diferente da Cidade Universitária. Havia muito mais contato entre as partes, sobretudo no domínio das Ciências Sociais, mas também nas Ciências Exatas. Tudo estava lá. Para terem uma ideia, quando veio para a Cidade Universitária, após 1968, com a reforma, a faculdade tornou-se Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Saíram todas as Ciências Exatas as quais constituíram vários institutos, o da Química entre eles, mas não só, a Faculdade de Educação era um departamento da Faculdade de Filosofia, como também a Psicologia.

Havia alguns cursos que eram na Glete e algumas que, nos anos 1950, começaram a virem para cá. A Geografia foi uma das primeiras, ela e a História. Primeiro mesmo veio o prédio lá de cima: o da Biologia, acho que é o da Genética, uma coisa assim. Essa Cidade Universitária é meio caótica por causa de sua formação. Viram como a História é importante para entender as coisas? Este espaço estava fora da cidade, parte da periferia. O Butantã trata-se de um

lugar que as pessoas traziam as crianças. Quando eu era novo, eu vinha. Longe da cidade, ninguém queria vir até aqui, chegar era difícil.

Os Reitores, no entanto, desejavam mostrar serviço ao governo, dizerem que estavam fazendo algo. A primeira coisa a ser construída foi o prédio da reitoria. Faziam força para os cursos virem, mas eles não queriam. Alguns nunca vieram, a Faculdade de Direito nunca, não é? Aliás, lá no Largo São Francisco até hoje, quando tem que fazer alguma coisa aqui na reitoria, falam: “Vamos para a Universidade”. Não dizem: “Vamos para a Cidade Universitária”, mas sim, “Vamos para a Universidade”. Os reitores ofereciam para quem quisesse se instalar a possibilidade de escolher o lugar. A Biologia optou pelo melhor: o mais alto no meio das árvores. História e Geografia ficaram nas duas alas da reitoria. Uma lá e outra aqui. Nesse tempo, eu já era professor.

Quando fiz o curso, havia essa integração maior, mas com poucos alunos. As classes tinham quinze, vinte alunos no máximo, eram pequenas. Esse é um dado porque havia mais convívio. Curioso como era, eu fazia o curso formal à tarde e à noite ia assistir aulas das Ciências Sociais, da Sociologia, algumas da Filosofia e das Letras. No final de semana, estudava muito na Biblioteca Municipal. É melancólico quando volto lá, não tem mais aquela sala de leitura, os livros que a gente lia.

Havia um grupo que ficava em torno da estátua, daquela que está no *hall*. Discutiam se a estátua era Diana ou Minerva: os adoradores de Minerva e os adoradores de Diana – estes tinham mais prestígio. Existia um clima de esquerda nos anos 1950. Lembro-me que, às vezes, saía da faculdade e ia para a biblioteca. Lá, a seção de leitura fechava às 23h. No sábado e domingo, ia cedo. Coabitavam os grupos antagônicos, contra e pró Faculdade, no setor de Letras e no setor de Filosofia, porque ela havia sido criada para integrar escolas profissionalizantes. Conseguiram isso parcialmente: quando se dividiu a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Não foi um desastre total, mas também não conseguiram fazer tudo que se queria.

Tenho mania de sair do assunto, já perceberam? É uma técnica pedagógica sair do assunto. Quando proferirem uma conferência ou uma aula, temos que sempre sair do assunto para prender a atenção do público, ninguém aguenta ficar uma hora e meia ouvindo sobre historiografia, não há quem suporte. Ao sair, o pessoal pensa “quero ver onde que esse sujeito vai parar?”. No entanto, é preciso fazê-lo com atenção. A pior coisa que pode acontecer a um professor é ele perguntar: “Do que que eu estava falando?”. Se perguntar isso aos alunos, eles ficam furiosos. Perde o respeito deles.

Lembro-me, por exemplo, do primeiro ano da faculdade lendo a *Histoire grecque*, de Gustave Glotz. Havia um capítulo longo intitulado “*Du genss à la cité*”, “*Die Geinas à la cité*”, com umas cem páginas. Naquela época, havia um rapaz muito bonito. Ele estava falando com algumas alunas que eu conhecia, provavelmente da Letras ou da Pedagogia – onde havia as meninas mais bonitas. O camarada dizia assim: “Por que a burguesia não é capaz de cumprir a sua missão histórica”. As meninas ficavam atentas. Isso me fez pensar comigo: “Meu Deus do Céu, o que é esse negócio de burguesia? A sua missão histórica? Quem que deu essa missão histórica? Se eu não entender disso, elas nunca vão olhar para mim”. Você não escapava da situação, o clima mudou, é claro.

Essa transformação muitas vezes é criticada nos estudos de história da historiografia, de história da cultura brasileira e de história da universidade. Algumas críticas são verdadeiras, mas outras são anacronismos. Por exemplo, quando se fala que a Escola Sociológica de São Paulo, centrada em Florestan Fernandes, desqualificou Gilberto Freyre, isso só está parcialmente correto. Foi só nos anos 1970-1980, porém, que começamos a descobrir a grandeza de Gilberto Freyre, um gênio! Acontece que qual Freyre se estava renegando? É verdade que não se viu nele, naquele momento, os estudos sobre o sexo e a família. Não se percebeu essa grandeza, não era isso o enfatizado. Centrava-se na democracia racial, isso que o pessoal atacava.

Freyre tinha publicado um livro chamado *Aventura e Rotina*, sempre teve títulos maravilhosos, que trata sobre as viagens que fez a Angola e a Moçambique para ensalsar o Salazarismo. É

que ninguém lê mais Gilberto Freyre, ele é um gênio e não há dúvida nenhuma. Há um livro interessante chamado *Sociologia: introdução aos princípios e métodos* com dois volumes enormes que são apenas a introdução. Era para ser sete, a reunião de seu trabalho teórico, mas que nunca foi escrito, parou na introdução. Ele ficava falando o que está muito na moda atualmente: a Sociologia não é exatamente uma ciência. Nesse texto de teoria, você lê aquilo, quer dizer, lemos a introdução, o prefácio tem 120 páginas, e pensamos: “fiquei sabendo o que a Sociologia não é. Eu quero saber o que é a Sociologia”. Há outra obra sua chamada, essa foi mais famosa ainda, *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Olhem se isso é título de livro! Florestan falara assim: “padrão científico do sociólogo brasileiro” pois ele estava tentando implantar esse padrão da disciplina no país. Trata-se de um diálogo.

A observação de que Gilberto Freyre não foi vista pela Sociologia Paulista como tendo a grandeza que ele tem é correta. Contudo, é preciso por essa afirmação no clima geral da época. Isso também para ler a obra imensa de Gilberto Freyre, toda repetitiva com algumas coisas brilhantes, outras insuportáveis! Veja, os dois tinham um pouco de razão, mas o historiador deve ultrapassar essas coisas. Isso nem sempre é feito quando se trabalha com história das ciências sociais e da historiografia. Como veem, estou misturando as coisas e as pessoas para dar uma ideia do clima da época.

O curso de História para mim foi bom, mas teve uma série de percalços. Era apaixonado por História. No colégio, no último ano, comprava por assinatura uma coleção que saia pela Editora das Américas. Essa casa de publicação não existe mais e na sua existência ela mudou bastante. No começo, era de direita e meio religiosa – publicou as obras completas do Plínio Salgado –, mas também editava coisas boas, por exemplo, *História Universal* de Cesare Cantù em 32 volumes, aliás, com uma péssima tradução. Saíam dois volumes por mês, relativamente baratos. Os comprava e lia, isso no colégio. Estava mais ou menos na Idade Média, no volume 13, e apaixonado por aquilo, apesar da tradução miserável, era uma beleza!

No primeiro ano da faculdade, os cursos de Geografia e História, que eram unidos, mostravam-se, digamos, razoáveis. A matéria de Idade Média era pior do que o manual de Malet & Isaac que tinha lido. Li Malet & Isaac inteiro para fazer o vestibular porque uma professora que era do cursinho do Grêmio falou para mim: “Você sabe razoavelmente francês, faça o seguinte: pega o Malet & Isaac, que é um manual em francês – melhor do que todos esses modernos –, e lê assim se prepara para o exame de História Geral e para o exame de francês ao mesmo tempo”. Foi o que eu fiz. Então, a situação na faculdade foi uma decepção. A disciplina de História Antiga, de Antiguidade Oriental, era dada pelo professor Paulo Pereira de Castro, um grande que, na época, não percebíamos. Era um péssimo professor: gago e falava monotonamente; trazia anotações e ficava andando de um lado para o outro enchendo a lousa com nomes do Egito e da Mesopotâmia. Quem aguentava? Começamos a conversar com ele quando saíamos para o café e descobrimos um grande sujeito. Isso depois!

Havia um professor muito erudito, muito competente, que dava Grécia. Seu nome era Pedro Moacyr de Campos, um insuportável e arrogante. Depois da aula, fiz uma pergunta para ele, não me olhou de cima porque era baixinho, e falou algo assim para mim: “O senhor sabe alemão?”, respondi que não. Continuou assim: “Sobre isso que o senhor está perguntando só há bibliografia em alemão”, me deu as costas e foi embora. Fui estudar alemão. Não sei falar, mas leio os livros de história, não literatura, não leio Goethe, para você ver.

Tinham bons cursos de Geografia. Terminei o ano e ponderei: “Acho que vou ser geógrafo”. Quando então, no segundo ano, uma quarta-feira, fui à primeira aula de História Moderna com o professor Eduardo D’Oliveira França. Todos os cursos de História eram de história política ou econômica, às vezes, misturavam-se as duas sobre a Grécia ou a Idade Média, mal explicavam Henri Pirenne. Quarta-feira, primeira aula de História Moderna, vi no programa: “Renascimento: Florença no século XV”. O professor chegou meia hora, quarenta minutos, atrasado e falou assim para os 10-15 alunos: “Temos que nos entender, vamos trabalhar juntos, queria dizer para os senhores o seguinte: sou o último que entra, o primeiro que sai e,

enquanto eu não sair, ninguém pode fazê-lo sem autorização”. Continuou: “Em segundo lugar, tenho que dizer aos senhores que, em matéria docente, os senhores devem desconfiar dos professores muito pontuais. A pontualidade britânica é característica dos medíocres! O professor que não tem nada a oferecer aos seus alunos, oferece a sua pontualidade!”. Vejam a disposição da classe: o pessoal queria esganá-lo. Depois, ele me contou, tornei-me amigo dele, foi o meu Mestre, que fazia isso de propósito porque era um desafio que lançava para si: “ponho essa turma em má disposição contra mim e depois a conquisto”. Dizia assim: “Perguntas só depois que eu terminar de falar e perguntas de esclarecimento. Perguntas não podem interromper o professor! Perguntas depois que eu terminar e autorizar”. Começou a dar a aula comentando o programa e a bibliografia, falou uma hora e meia e não mais. Quando terminou, só faltou aplausos! Fui falar diretamente com ele: “Professor, vamos conversar”, aí voltei para a História.

Epígrafe_ Pegando o gancho dessa informação que o senhor estava nos contando, gostaríamos de saber a respeito do seu trabalho como professor assistente, tanto com a professora Alice Canabrava, quanto com o professor França.

Fernando Novais_ Quando estava no último ano, era muito amigo de uma professora de Antropologia, Gioconda Mussolini, fantástica, excelente professora. Ela dava Antropologia Física e Antropologia Cultural. Havia dois semestres de Antropologia no curso de História. Normalmente quem ministrava Antropologia Cultural era o professor Schaden, mas às vezes Gioconda dava Antropologia Cultural. Gioconda gostava muito de mim, era muito minha amiga, havia dois: eu e um colega de Ciências Sociais, Amadeu Duarte Lanna, que depois se tornou professor de Antropologia e já se aposentou. A professora Gioconda era da geração de Alice Canabrava e do professor França, a segunda na faculdade. A primeira era de Eurípedes Simões de Paula e Astrogildo Rodrigues de Mello. Alice Canabrava, que tinha perdido um concurso aqui escandalosamente, foi para a faculdade recém-criada de Economia e logo se tornou catedrática. Teve vários assistentes, homens e mulheres, formados em

Ciências Sociais, História e Economia e brigou com todos. Então, ela procurou Gioconda, sua amiga, e disse que queria ter um que fosse jovem e da História pois estava com uma vaga. O penúltimo a ser despedido chamava-se Fernando Henrique Cardoso, substituído por José Albertino Rodrigues, um sociólogo importante. Ela tinha uma vaga de auxiliar de ensino, ganhava pouquíssimo e era para carregar a bolsa. Nunca carreguei uma bolsa. Isso era o que se dizia, pura maldade! Era mais ou menos assim: assistia as aulas, anotava e depois discutia. Fiz alguns comentários do que achava do curso dela e ela ficou bravíssima.

Para vocês terem uma ideia, o horário de trabalho era das oito da manhã às seis da tarde na faculdade, todos os dias! Eu ficava fazendo ficha e lendo. Então, Gioconda me indicou, por isso digo que sou uma invenção da Gioconda. Indicou-me para várias coisas. Não sei se já falei isso em entrevistas, mas foi ela que me aconselhou dizendo para assistir cursos de Antonio Candido de Mello e Souza e Florestan Fernandes. Para mim, esse contato foi muito importante. No curso de História, havia uma formação predominante em História Econômica e História Política. Como vocês sabem, tem aquele livro, que é um dos melhores de Peter Burke. São três períodos: o primeiro, até o fim da Segunda Guerra, quando se dialoga com as Ciências Sociais em geral, predominantemente com a Sociologia, mas não só, também com Letras, Arte e Psicanálise – nesse há o domínio do pensamento de Lucien Febvre. O segundo período, de Fernand Braudel, deu-se até o fim dos anos 1970. Enquanto durou, houve diálogo com todos os lados, mas dominou com a Economia. O terceiro é, se vocês quiserem, a Nova História.

Entrei, na cadeira de Alice, em contato com historiografia americana e inglesa e li muito sobre Economia. Como, na mesma época, se discutia marxismo para mim foi bom. Tinha uma formação razoável de História por causa do professor França. Aliás, Braudel, esse também deu muitas entrevistas, não é? Não estou querendo me comparar com Braudel evidentemente. Ele tem algumas entrevistas na qual diz coisas engraçadíssimas. Fala que acha que se tornou inteligente no Brasil; enquanto ele não passou pelo Brasil, não era muito inteligente. Isso foi uma sacada maluca. Tem outra afirmando que o seu discípulo aqui no

Brasil era o professor França, isso criou uma série de problemas, ciúmeira e esse tipo de coisa.

Minha relação com Alice foi conturbada, não era uma pessoa fácil e fiquei na Faculdade de Economia três ou quatro anos. Quando me desentendi, na verdade ela que se desentendeu comigo, ficou claro que não iria renovar o meu contrato. Havia deixado de ser auxiliar de ensino, era assistente e ganhava muito bem por causa do curso noturno. Naquela época, ganhava um salário extra quem dava aula no noturno, hoje não tem mais isso. Fui procurar o professor França e coincidiu que naquele ano, 1960, iria nascer o meu filho. Casei em 1959 e o meu primeiro filho nasceria comigo desempregado. Falei com o professor França e me disse: “que loucura!”. Frequentava muito a sua casa e ele ficou muito contente quando fui trabalhar com a Alice, pois, ela era brigada com o Departamento assim como com ele. Eles também tinham os seus desentendimentos, mas se falavam, a questão era Eurípedes, o chefão. Naquele momento, França era meio brigado com Eurípedes, antes se falavam muito, amigos, compadres, iam na casa um do outro. No entanto, romperam por causa de uma briga de Eurípedes com Astrogildo. Esse tirou a cadeira dele do Departamento, naquela época, Cátedra. França acompanhou Astrogildo. Dessa forma, ficou as partes da história separadas. Costumo dizer que Eurípedes está para a faculdade, assim como Dom Porfirio Díaz está para o México. Enquanto Eurípedes viveu era o regime do porfiriato. Eurípedes ficava quatro anos na direção da faculdade, fazia sucessor e ficava quatro anos como chefe do Departamento de História, terminados os quatro anos, voltava para a direção. Isso significa que, no período de briga, a cadeira de História da América e do Brasil não tinha verba nenhuma. O professor França vivia dizendo: “Eu não posso contratar”. Quando conversei com ele, falou-me: “meu filho, por que você foi brigar com Alice?”, respondi: “Professor, ela que brigou comigo!”. Depois, ele foi lá e conseguiu me ajudar. Quem fez pressão foi Gioconda, da Sociologia. Nessa época, estava começando o seminário d’*O Capital*. Fernando Henrique Cardoso estava despontando na universidade, não só como intelectual, isso também, mas porque ele entrou

para o Conselho Universitário. Um lance notável, até hoje me lembro! Vale a pena sair do assunto nesse caso.

O Conselho Universitário era dezessete pessoas ou um pouco mais: os diretores de todas as faculdades e o Reitor, mais um representante da Congregação, outro dos alunos e um último dos ex-alunos. Fernando Henrique, que ainda não era doutor, portanto, não tinha título nenhum – naquela época não havia Mestrado – estava fazendo o doutoramento como todos nós. Descobriu que o representante dos ex-alunos era sempre da Faculdade de Direito. A Faculdade de Direito, a Medicina e a Engenharia sempre dominaram lá. A Faculdade de Filosofia, que era a mais importante, é a mais importante, foi lutando para conseguir transformar isso aqui em uma universidade.

Nós, historiadores, sabemos o que é uma universidade. Uma universidade pode ter muitas escolas, mas não pode deixar de ter três: Teologia para falar com Deus, Ciências para estudar a natureza e Letras para estudar as Humanidades. Essas três são obrigatórias. Não podem faltar, pode ter mais cinquenta. No começo do século XIII em Bologna e em Paris, isso foi constituído sem comunicação entre as duas cidades. Até hoje, discute-se quem foi a primeira, uma diferença de meses. O esquema foi e é o mesmo: as três faculdades do conhecimento juntamente das duas escolas de apoio: Direito e Medicina. Por isso que no *Quartier Latin* há a Rue des Écoles que cruza o Boulevard Saint-Michel, o coração da Sorbonne. Foi notável essa mudança. Concebe-se o conhecimento para falar com Deus, entender a natureza e pensar as artes. Para fazer isso, precisa-se estar vivo, logo, se deveria estudar Medicina. Tudo isso, em uma sociedade juridicamente organizada, pois quem não vive dessa forma é bárbaro.

Zeferino Vaz, criador da Unicamp, sempre disse que queria fazer uma universidade melhor do que a USP. Isso porque nunca foi Reitor aqui. A Unicamp tem o nome de universidade, mas se não tem Direito... Tenho muitos amigos lá de Campinas, vão querer me matar! Até hoje não tem, o plano original da universidade tinha, só que Zeferino não implantou em tempo e acabou que ninguém fez, mas está no currículo.

O notável é que concomitantemente o mesmo esquema foi adotado em Paris e Bologna sem comunicação mútua. As universidades eram pensões. Tinham as várias escolas ligadas ao bispado e resolveram fazer um lugar onde podiam morar os estudantes. O aluno ia e escolhia o curso no qual havia alguém para orientar e um local para morar e aprender. Existiam várias condições: entrou para a escola, virou clérigo – podiam não ser padres ordenados, mas eram clérigos; mulher era proibido; tinha que ser cristão e saber latim, só se falava essa língua, por isso o vestibular. A pensão selecionava quem morava lá. Isso foi feito inicialmente em Paris e quem organizou essa era um padre, chamado Robert Sorbon, conseqüentemente a frase “vou para Sorbonne”. Em seguida, ocorreu algo próximo em Oxford. O que em Paris é pensão, eles chamam *college* na Inglaterra. Sinteticamente morada. A diferença entre Bologna e Paris é que, na França, essa morada, chamada universidade, resultou em um conjunto de professores que ofereciam a residência para os alunos. Em Bologna, deu-se o contrário: uma associação de estudantes oferecia a morada e coordenava a contratação de professores. Assim, na Itália, as escolas profissionais sempre foram mais importantes, não por causa do Direito Romano, pois a universidade foi criada por uma reunião de estudantes. “Vamos organizar onde é que vamos habitar e coordenamos o espaço. Está faltando professor disso, contrata! Quem vai ser chamado deve fazer uma tese”. Com isso, saímos muito do assunto, voltemos então.

Fernando Henrique descobriu que era sempre ocupado pela Faculdade de Direito, porque na eleição quem que votava? Aquele que provar ser ex-aluno, pouquíssimas pessoas faziam isso. Os juristas sempre estavam lá e escolhiam o membro do Conselho. O que Fernando Henrique fez? A Faculdade de Filosofia tem uma quantidade significativa de membros no estado entre os seus ex-alunos que dão aula nos colégios, é só mandar uma carta para cada professor. Só na cidade de São Paulo, reunimos mais de setenta pessoas. Recordo-me que fui à Reitoria, ficava em um prédio na rua Helvétia, hoje o coração da Cracolândia. Estava na fila para votar no Fernando Henrique. Na frente, tinha uma pessoa e a outra em seguida era uma moça muito bonita que conversava com um senhor: “Quanta gente que está vindo aqui votar hoje!”.

Era Lygia Fagundes Telles, que ia lá escolher um desembargador para ser o representante. Perderam de lavada, nós tivemos mais de cem.

Alguns meses depois, Fernando Henrique já era a pessoa mais importante no Conselho Universitário. Então, ele foi ao Eurípedes e falou que conseguiu uma verba, mas era uma por tempo parcial. Quando vim para a Faculdade de Filosofia, perdi mais da metade do meu salário. Meu pai teve que me ajudar a pagar o açougue, foi uma desgraça. Até que Fernando Henrique conseguiu uma verba para mim e, então, esse período foi melhor, que coincidiu com a formação do grupo de estudos de Marx, entre 1958 e 1964, seis anos. Havia a ideia de o marxismo ser sinônimo de interpretação econômica da história.

Sobre esse propósito, muitos anos depois, já aposentado aqui na USP e professor no Instituto de Economia da Unicamp, houve um concurso que era para contratar um docente de História Econômica. Inscreveram-se uns quatro ou cinco candidatos formados em Economia, História ou Ciências Sociais. Como havia vários candidatos e havia uma aula teste, vimos os currículos e era necessário pelo menos doutoramento. Após a análise da trajetória, a entrevista era decisiva. Lembro-me que fiz a mesma pergunta para todos: uma coisa do currículo, mas queria saber qual a distinção entre materialismo histórico e interpretação econômica da história. Ninguém respondeu precisamente! Todos falavam dislexias, não entenderam nada! Essa pergunta não discriminou. Entrou o que foi melhor que o outro. Acho que ninguém deveria ser contratado porque iriam ser professores de História Econômica e não sabiam a distinção entre uma coisa e outra.

Clareza mesmo sobre isso, acho que comecei a ter com o estudo de Marx no grupo de estudos d'*O Capital*. Na introdução que eu fiz com o Rogério da Silva na antologia *Nova História em perspectiva*, há, acho, uma explicação razoável diferenciando marxismo de interpretação econômica da História. Isso foi muito mal assimilado. As pessoas vivem querendo que eu explique e procuro explicar. Não está muito claro, mas é difícil! São problemas complicados.

Ainda agora, Osvaldo Coggiola, diretor do Departamento de História da USP, me telefonou dizendo que vai ter, no segundo semestre, um evento sobre o centenário da Revolução Russa e quer que eu fale em uma mesa sobre historiografia tratando sobre Eric J. Hobsbawm. Aceitei e virei dar a palestra, mas começarei dissertando sobre a complexidade de um historiador marxista. O marxismo é uma teoria da história, uma! O que se entende por teoria da história? Sendo assim, temos os textos clássicos de Marx e Engels que nenhum é de História propriamente. Aliás, de História especificamente, componente do corpus da historiografia, só tem um trabalho dos clássicos, que é *As guerras camponesas na Alemanha* de Engels. Um belo livro de História!

A formulação inicial é um problema filosófico, o ponto de partida é filosófico. Temos que entender o porquê da Alemanha ser assim. Só podemos entendê-la nesse estado por causa da guerra dos camponeses. Por que que a França teve a Revolução Francesa e a Alemanha não? Não temos nem sequer a forma do Estado, há de entender onde se perdeu a luta de classes. Pode-se discutir isso. Para formular um texto de História, é necessário que tenha alguma coisa na sua vida, na vida do historiador, na sua época, na forma como se interesse pelo assunto tratado. Em Engels, a questão está clara, se for outro escritor a situação será distinta. Benedetto Croce quis dizer isso quando falou “toda a história é contemporânea”. Engels a partir daí faz uma reconstituição da guerra dos camponeses fantástica. Tinha vocação para ser historiador!

Marx faz uma análise estrutural do capitalismo como um modo de produção, aliás, ele não usa a palavra capitalismo. Vocês sabem que Braudel tem uma nota, em *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*, na qual afirma assim: “Karl Marx nunca usou a palavra capitalismo”. Fala algo de capitalismo que é muito complicado e põe assim: “Aliás, Karl Marx nunca usou a palavra capitalismo, confirmam na edição MEGA”. MEGA é Marx-Engels-Gesamtausgabe, obras completas de Marx e Engels com 51 volumes em alemão. Ele estava dizendo para conferirem. Quer dizer, explicitava: “Li os 51 volumes em alemão. Estou escrevendo isso aqui e sei do que

estou falando". Isso em Braudel é uma ironia porque diziam que ele não entendia nada de Marx, pois, raramente o citava.

Detalhe importante porque nós do grupo de estudos d'*O Capital* discutíamos o conjunto das obras de Marx com uma orientação filosófica, a partir da influência de José Arthur Gianotti. Eu era o único historiador. A análise do capitalismo de Marx é incompleta, só tem o primeiro volume. O resto que ele escreveu são panfletos políticos, os quais são geniais. Sobre o *18 Brumário*, não há texto mais profundo para entender o que foi a tomada de poder por Napoleão III, mas não é um livro de História.

Temos um colega, que está quase se aposentando, que dizia assim, como um marxista ortodoxo e rígido: "Para mim, o melhor livro de História sobre o Brasil Colônia é do Antonil, *Cultura e opulência do Brasil*". Antonil não é um livro de História! Antonil é um exercício de contabilidade! Vejam a gravidade: se você diz isso, que o melhor texto que interpreta uma época é trabalho de contabilidade, você desproblematiza a historiografia, a mata pensando que está abafando. Deixa de entender porque os historiadores do Brasil Colônia não foram capazes de ter uma visão da sociedade colonial como teve Antonil. Esse é o problema! Agora, se você diz que aquele é o melhor livro de História, todo mundo fica contente, porém, corre o risco de acabar desempregado. Porque quem faz história é o historiador.

É preciso ver isso para entender essa relação. Um dos trabalhos que pretendia fazer (não sei se vai dar tempo), chamo alguns ensaios que ainda quero fazer nessa última fase de *Tentações de Clio*. Um deles é uma análise, já fiz várias conferências sobre isso, que poderia chamar de "Anti-Furet", uma crítica a François Furet, historiador da Revolução Francesa, um grande historiador.

Um historiador marxista é diferente de um marxista historiador, meu caríssimo amigo Albert Soboul várias vezes disse isso. Às vezes que tentou me explicar foram uma confusão! Não explicava nada! Certa vez enquanto o fazia, disse-lhe: "Soboul, *arrête! Ça ne marche pas!*". Quando os alunos cobravam-lhe coisas, dizia: "*Je suis un historien marxiste, pas un marxiste historien*". Ele nunca soube explicar direito.

Sobre a Revolução Francesa, o que aconteceu você não consegue reviver. O historiador quer reviver na reconstituição, por isso, nosso texto é uma utopia, sabe que não conseguirá. Influenciado nisso, digo: em História existem aproximações! Consegue fazer aquilo mais próximo, só acha que pode ir mais além, mas não é a História em si. Muito bem, há o que aconteceu e nisso não podemos mexer: o Termidor venceu Robespierre, cortou-lhe a cabeça, não adianta torcer para Robespierre, já morreu.

Tratam sobre o evento os historiadores da Revolução Francesa. Entre eles, têm os marxistas historiadores da Revolução Francesa. Acontece que os marxistas estudiosos da Revolução Francesa, como Soboul e Hobsbawm, pesquisam com base nos documentos e nos outros historiadores, na bibliografia, no debate. Qual é a diferença entre os marxistas e os não-marxistas? É que os primeiros leem a documentação e debatem com os outros historiadores inspirados nos conceitos do materialismo histórico. Então, isso separa os que usam os conceitos e os que não. Pode-se afirmar isso a respeito de qualquer evento, no entanto, sobre a Revolução Francesa, há uma coisa ainda mais complicada: o conceito de Luta de Classes que Marx hauriu da historiografia conservadora desse próprio processo.

Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido como Lenin, tem aquele texto *Três fontes do materialismo histórico*, ensaio famoso no qual indica: a economia política clássica, chamada Escola Escocesa, de onde saiu a Teoria do Valor; a filosofia hegeliana, com a noção de contradição; e o pensamento socialista francês, sobretudo Pierre-Joseph Proudhon, em cuja crítica elaborou a noção de Luta de Classes. Creio que Lutas de classes, com a categoria analítica, provem sobretudo da historiografia da Revolução Francesa da primeira metade do século XIX. Trata-se de historiografia conservadora (Thiers, por exemplo). Mas, se tratando de Revolução, a reconstituição dos eventos põe a luz inexoravelmente a luta de classes. De acordo com o ponto-de-vista da história geral das historiografias, que formulamos juntamente com o professor Rogério da Silva, na Introdução à antologia da *Nova História*.

O conceito fundamental do marxismo é: modo de produção. Esse permite periodizar e dentro dele você tem que saber quais são as categorias e como elas funcionam. Há conceitos que

operam em qualquer modo de produção. Na economia, por exemplo, Utilidade Marginal vai desde Adão e Eva – a Utilidade Marginal da maçã, aliás, não havia maçã, até à da bomba atômica. Só que dentro do Feudalismo funciona de um jeito, no outro modo de outro. A ciência quer pregar quanto mais abstrato, mais científico. Esse é o problema, funciona de outro jeito. Então, como é que você funde as duas coisas? No Marxismo, há o modo de produção. Existe também a estrutura que muda, como é que ela se transforma? O primeiro é sincrônico, o outro é diacrônico. A dinâmica é a Luta de Classes. Se ler o livro de Marx sobre Proudhon, *Misère de la philosophie*, que é contra *A Filosofia da Miséria*, lá não fica claro o que ele retirou do francês. Proudhon, por sua vez, assumiu o conceito de Adolphe Thiers. Longa história. Marx leu muito Thiers, está na bibliografia de Marx. Lá que ele assume Luta de Classes. A diferença é que o Thiers fazia isso do ponto de vista da burguesia, o de Marx é o do proletariado, mas a ideia está lá. Veja como é difícil discutir o que é um bom historiador marxista. Isso eu vou falar aqui no evento sobre a Revolução Russa. Vai dar uma bela confusão.

Epígrafe_ O senhor desenvolveu sua tese entre 1961 e 1973. Quando a defendeu, havia passado um longo período para desenvolvê-la. Poderia comentar um pouco de como concebe os prazos estabelecidos hoje?

Fernando Novais_ Olha! Acho horrível essa coisa, mas é difícil combatê-la. Muito difícil, porque essa questão dos prazos e do curriculum é um ponto de um processo global, que é a globalização. Devemos combater ao mesmo tempo o geral e o particular. Na universidade, isso dito por mim fica ruim porque parece coisa de velho, que está dizendo que no seu tempo era melhor, mas não há dúvida nenhuma que é um declínio, uma degradação da cultura em geral.

Se pegar a literatura, há no Brasil algum escritor comparável com Guimarães Rosa? Não há! Faz mais de meio século, ele morreu em 1956. Se pegarmos outros... Não é ser a favor do academicismo, todavia, não há nenhum pintor tipo Picasso. Não existe! Tome a historiografia,

os Annales – alguém se compara com Marc Bloch, Lucien Febvre? Isso é a globalização da cultura, isso é produto da vitória do capitalismo.

Marx, com o materialismo histórico, tenta resolver o problema. É uma tentativa, uma aproximação, do paradoxo do conhecimento: como você pode, ao mesmo tempo, conhecer e saber como transforma? É a discussão do estruturalismo, como Sartre inclusive ponderou. O que é uma totalidade? É um conjunto cujas partes são interdependentes umas das outras e todas dependem do conjunto sendo também a totalidade independente das partes. Não são todas as coisas. Isso é uma estrutura. Estrutura é o desvendamento da totalidade. Isso é possível conhecer. Isso é o que faz a ciência. Agora leia a polêmica de Lévi-Strauss com Braudel, o artigo de Lévi-Strauss está em *Anthropologie structurale* e o de Braudel em *Écrits sur l'histoire*. Um belo debate entre eles. Os dois foram colegas aqui nesta faculdade. Lévi-Strauss dizia assim: “Não tenho nada contra a História. Adoro. Só que acho impossível explicar como é que se move, isto é, como uma estrutura se transforma em outra”. Marx intenta através da Luta de Classes, mas não sei se resolve. É a melhor aproximação.

Algo próximo apareceu uma vez em uma entrevista de Caio Prado Júnior. Uma de professores da Unesp de Assis chamada *Transformação*, era assim *Trans-Form-Ação*. Ulysses Telles Guariba perguntou para ele: “Como é que o senhor escreveu, em 1942, o livro *Formação do Brasil Contemporâneo* sendo membro do Partido Comunista e sem fazer as citações de Marx, Engels, Lenin... Um trabalho nunca assimilado pelo partidão”. Prado respondeu a mesma coisa que Soboul, só não usando as mesmas palavras porque pertencia ao PC e, se dissesse aquilo, iria criar problema, no partidão francês entraria na maior tranquilidade: “Eu sou um historiador marxista e não um marxista historiador”. Os franceses têm nível para isso. Aqui no Brasil, ser historiador antes de ser marxista é estar fora. Caio disse assim: “Meu assunto sempre foi Brasil, acho que o materialismo histórico é a melhor teoria da história para entendê-lo por isso sou marxista. Se alguém me convencer que há uma teoria melhor, eu mudo. O meu problema é entender o Brasil para saber como é que eu vou atuar aqui dentro”.

Na realidade, tem que combinar. Lucien Goldmann afirmou: “Marx aposta no proletariado como Pascal apostava em Deus!”. Uma vez para entender qual era a aposta do Pascal, utilizei a descrição em linguagem figurada com Marx. As pessoas não entenderam, todo mundo ficou falando de Marx e Pascal. Não se pode mais falar em linguagem figurada. Há de se ter apostas porque sem elas ocorre o determinismo. Ganha-se ou perde-se. Aí constitui-se um problema: por que o marxismo ortodoxo teve de negar isso? Porque, quando você chega no poder, Marx não poderia imaginar, torna-se conservador. Se você ganhar, se a Revolução ganhar, virará conservador no dia seguinte, uma vez que precisa manter o poder, conservá-lo mesmo que com os melhores objetivos, com as melhores intenções. Marx, que lia Dante Alighieri, fez-lhe referência no prefácio de *Contribuição à crítica da economia política*: “para esses que ficam me criticando, eu continuo seguindo o lema do grande florentino: ‘*Segui il tuo corso e lascia dir le genti*’”. No Brasil, inventaram uma forma grosseiríssima: “Os cães latem e a caravana passa”, uma ofensa chamar o outro de cão. Há um problema: o que fez Lenin: “Você só quebra o domínio da burguesia tendo uma organização de força semelhante à do governo. Ele é a polícia, o exército, a marinha e a aeronáutica. Só se quebra isso com um partido com uma disciplina religiosa”. Para executá-lo, terá uma ditadura e uma revolução e como abre depois? Não teve tempo de pensar nisso. Tentou-se e não conseguiu, fechou mais do que tudo. Marx, no *Manifesto*, diz que o capitalismo tem uma dinâmica de classe contraditória a qual se destrói e leva ao socialismo, no entanto, o socialismo não é um destino. Diz: “Se não chegar ao socialismo, dá barbárie”. Deu a barbárie!

Com a queda do Muro de Berlim, o pensamento conservador, como ponderou Marx, deu em barbárie. O que que é a barbárie? O totalitarismo soviético – isso está certo, o totalitarismo soviético é uma barbárie! Isso está certo, mas não é só isso que Marx estava dizendo – “o capitalismo sem freio, capitalismo infrene, é outra barbárie” e esse que venceu e aí está.

Tal situação que leva ao declínio da cultura, que faz a universidade passar a ser escola exclusivamente profissional. Como se luta contra isso? No nosso caso, é mais complicado porque essa universidade é a primeira do Brasil, apesar de ter havido outras no Rio e em

Curitiba. Desde 1934, a USP é a única que continuou até hoje. Por isso, dizemos que é a primeira universidade do Brasil. A nossa universidade é a principal universidade do país. Não é a maior, a maior é a UNIP com duzentos mil alunos, é a principal universidade do Brasil. A Faculdade de Filosofia foi criada como uma faculdade gigante. A Faculdade de Filosofia é a antiga Universidade, tirando Engenharia e Medicina que são profissões técnicas. Na Europa até hoje, essas duas não existem como faculdade. Não há Engenharia em nenhuma universidade europeia, na França, na Itália etc., isso é coisa de norte-americano. Tanto que, quando observamos os nossos queridos amigos portugueses, você pode notar que eles não chamam um engenheiro de doutor, ele não o é. Quando aquele Guterres do Partido Socialista era o primeiro-ministro – um sujeito simpático até –, ele era engenheiro e veio no Brasil umas duas vezes, quando falaram: “Doutor”; eles corrigiam na hora: “ele não é doutor”. Ele era engenheiro, então, devia-se falar: “Senhor engenheiro...”, pois, engenharia não é faculdade, é escola.

A faculdade de Filosofia conseguiu fazer uma certa integração, não total, que tem uma série de problemas. Os problemas gerais do capitalismo infrene ficam mais evidentes a partir da década de 1980, quando há uma guinada para a direita. Margaret Thatcher e Ronald Reagan desmontaram o Estado de bem-estar social. Por que que existia o Estado de bem-estar social? Porque tinha a União Soviética. Podia ser horror que fosse, a existência da União Soviética podia ser um inferno, mas o fato de sua presença significava uma coisa: capitalismo não é sinônimo de natureza humana, não é o fim da História, há alternativa. Pode ser ruim, mas há alternativa. Então, vamos dar férias para os trabalhadores, vamos criar isso e aquilo. Quando caiu, perdeu a oposição. Você poderia falar: “E a China?”, ela aderiu ao mercado, não é um problema. Vende a exploração da força de trabalho para desenvolver a sua economia. Quando a URSS caiu, a atual situação foi se consolidando, avançando e se espalhando pelo mundo, no plano cultural, nas universidades, em todo o lugar. É uma desgraça!

No Brasil, esse problema geral é mais sentido na USP do que nas outras universidades e dentro da Faculdade de Filosofia mostra-se ainda mais candente. Nisso a única coisa boa é já

estar aposentado: não estou dentro do quantitativismo, das loucuras. Dei aula de 1985 a 2003 na Unicamp. Em 2003, fiz 70 anos aí saí de uma vez, mas peguei as primeiras reformas, esse negócio de avaliação. Há coisas que não é possível estarem sendo ditas. Um diretor de faculdade afirmou uma vez: “Temos que nos ajustar ao MEC”. Algo trágico. Começou nos anos 1980, atravessou todo o período petista e está sendo retomado agora sem modificação. Lula não fez nada contra essas coisas, embora houvesse avanços. A gestão Fernando Haddad no Ministério da Educação não foi má, mas são pós-capitalistas. Veja bem, dizem assim: “Tem que publicar tantos artigos em revistas especializadas. Há um elenco publicações. Quanto mais importante, vale mais o texto. O que mais conta é estar impresso em uma revista estrangeira, ainda mais quando em inglês norte-americano!”. Vocês acham que tenho de aceitar uma coisa dessas? Se não fizer assim, não ganha bolsa e diminuem o prazo.

Isso está ligado a uma série de outros processos no ensino secundário e na História. Eu vejo pelos meus netos, é horrível, é História em migalhas. Acham que para ser contra a discriminação racial, tem que deixar de estudar a História da Europa em prol da africana. Eles não veem que você tem que se debruçar sobre a História da Europa para entender o colonialismo e a África atual, o que não quer dizer que você não tenha que estudar a África antes do colonialismo. Há de se estudar também. Daí pegamos programas que tem escrito assim: “em vez do colonialismo, o sistema colonial...”. Isso não existe, essa coisa de impérios... Isso é *Social Science History*, ciência social retrospectiva. No meu texto com o professor Rogério da Silva, na antologia *Nova História em perspectiva*, tratamos da diferença entre História e Ciência Social retrospectiva, nuance que só aparece claramente em História Econômica. Economia retrospectiva e História, a diferença é clara uma vez que só em História Econômica pode existir *Counterfactual history* – história do que não aconteceu –, somente em História econômica. Como Economia seria retrospectiva?

Está horrível a coisa das citações. Vejo colegas e ex-alunos: “Ah, você precisa me citar”. Escreve um trabalho e no Currículo Lattes aparece quantas vezes foi citado. Não importa se foi mencionado para dizer que é ruim, foi cinco vezes. Todos disseram que é um trabalho

contestável, não importa. Cinco vezes e é isso que conta. Temos que nos dar os parabéns, entramos em uma fase realmente de declínio.

Epígrafe_ O que o senhor pensa a respeito do papel da História e dos historiadores nesta nova conjuntura?

Fernando Novais_ Acho que, para quem tem uma formação ligada ao Marxismo e à posição de esquerda, é esclarecer cada vez mais. A questão fundamental encontra-se na mediação entre estrutura e acontecimento. O exercício da História está no nível acontecimental, o que é possível explicar são as estruturas. Como que passa de um para o outro, tanto para a História, para você entender a queda do Robespierre, como para a História imediata.

Quando em outubro, que lá era novembro, Lenin tomou o poder, ele teve de fazer uma decisão tática, que deu certo, mas não sabia se ia ser bem-sucedida. Não estava dito, podia dar errado. Outras falharam depois. Temos que, cada vez mais, sofisticar o conhecimento das mediações para tomar posição e participar no que der. Uma das coisas que gosto em Perry Anderson – tenho discordâncias com ele sobre o Estado Moderno e em outras coisas – são os seus trabalhos sobre o Marxismo Ocidental no qual faz a seguinte previsão, a qual está correta: com o declínio da União Soviética, o Marxismo criativo vai continuar sendo o ocidental, porque o soviético não produziu nada realmente que valha a pena ser lido. Haverá um declínio do marxismo na França e uma ascensão do marxismo na Inglaterra, pois o francês é sobretudo filosófico, predominantemente filosófico, Louis Althusser por exemplo. Na Inglaterra, haverá continuidade entre os historiadores. Isso é verdade! O Marxismo na França está praticamente abandonado, não tem mais ninguém, e na Inglaterra ainda existem os historiadores.

Vejam, temos que lutar, não só como cidadãos na política, mas também como historiadores. Por exemplo, qual é o grande problema da globalização? É o seguinte: configura-se pós-capitalismo ou hipercapitalismo? Acho que é hipercapitalismo, não pós-capitalismo. Continuemos com o materialismo histórico. Aquilo que Roberto Schwarz (Bob Black) falou

depois da queda do Muro de Berlin: “O Marxismo vai voltar à crista da onda porque o capitalismo ganhou a guerra”. Quem entende de capitalismo é Marx, isso até o senhor Roberto Campos (Bob Field) sempre disse. Ele vai voltar! Agora, como historiadores, temos um debate interno. As tendências da *Social Science History*, da História em migalhas. Há dois limites: de um lado, Hayden White, que diz que não existe diferença entre a narrativa do historiador e a narrativa ficcional; do outro, um alemão chamado Hans Ulrich Gumbrecht que identifica a verdadeira História como os documentos. Publicou um livro sobre a *Belle Époque*, uma coletânea de textos de jornais. Perante esses “argumentos”, sobretudo, os do alemão, só tenho um, o argumento sindical: não haverá emprego para historiadores, nem para professor no ensino secundário, não terá curso de História!